

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

I78

Islã: o credo é a conduta / [textos selecionados de] Frithjof Schuon, Seyyed Hossein Nasr. . . [et al.]; tradução, [seleção e organização dos textos] de Arminda Eugenia Campos e Roberto S. Bartholo Jr. – Rio de Janeiro: Imago Ed.: ISER, 1990.

(Coleção Religião e Modernidade; 2)

Dados biográficos dos autores.

Glossário.

Bibliografia.

ISBN 8-312-0095-4

1. Islamismo. I. Schuon, Frithjof. II. Nasr, Seyyed Hossein. III. Campos, Arminda Eugenia. IV. Bartholo Jr., Robert S. V. Instituto Superior de Estudos da Religião. VI. Série.

CDD - 297

CDU - 297

Autores: Arminda Eugenia Campos, Roberto S. Bartholo Jr., Frithjof Schuon, Allahbaksh K. Brohi, Seyyed Hossein Nasr, Syed Ali Ashraf, Abdur-Rahman Ibrahim Doi, Syed Husain M. Jafri, Titus Burckhardt, Muhyddin ibn 'Arabi, Annemarie Schimmel, Abu Bakr Siraj Ad-Din, Mutada Mutahhari.

Islã - O credo é a conduta

Tradução, seleção e organização dos textos de Arminda Eugenia Campos e Roberto S. Bartholo Jr.

(Coleção Religião e Modernidade)



E



IMAGO EDITORA

– Rio de Janeiro –

O Significado Espiritual do Corão

Allahbaksh K. Brohi*

Espiritualidade e Crescimento Humano

Ao considerar a abordagem do Corão em relação à espiritualidade, devemos ser claros sobre o que o termo “espiritualidade” no contexto do presente discurso implica. Espiritualidade significa muitas coisas para diferentes mentes e é, ingavelmente, um termo usado em contextos variados com diversos matizes de significados. Muitos têm usado este termo para designar um tipo especial de disposição espiritual, e outros o têm empregado para demarcar um desenvolvimento final e mais elevado da própria vida. Da forma que esse autor o entende, será apropriado dizer que qualquer pessoa que reflita Deus ou o Espírito Santo como a norma ou princípio determinante vital de sua vida pode ser chamada, de modo válido, “espiritual”. Neste sentido, todo o Corão parece realçar a importância da ação desta norma ou princípio na vida do crente, se ele irá ser salvo e admitido na companhia dos eleitos. Negativamente, a palavra “espiritualidade” não deve ser confundida com espiritualismo, um termo um tanto incorretamente usado para o que, na verdade, é espiritismo, isto é, o fenômeno de comunicar-se, através de médiuns, com os espíritos dos que já partiram, na outra margem do rio da vida.

De modo geral, toda religião, incluindo, claro, o Islã, trata, basicamente, da questão suprema do que pode ser chamado espiritualização da consciência humana. A base biológica da vida no ser humano é a mesma que em qualquer espécie subumana, como os cães e os gatos – ao menos em relação aos instintos primários de autopreservação e preservação da espécie a que pertença o animal. A religião forma a consciência, que, considerada funcionalmente, aspira a induzir o crente a transcender sua natureza animal, ou atingir ou adquirir aquilo que – na falta de expressão melhor – pode ser chamado um tipo superior de

* Extraído de *Islamic Spirituality. Foundations*. Seyyed Hossein Nasr (ed.). Londres, Routledge & Kegan Paul, 1987.

vida, uma vida que é, como o Corão afirma, *khayrun wa abqā*, melhor e eterna.

Na vida há algo como o crescimento biológico do organismo individual. Mas esse crescimento é primariamente físico no caráter; isto é, chega a prevalecer automaticamente pelo desdobramento de algumas forças latentes inerentes à vida. É, basicamente, um tipo de crescimento que consiste meramente no acréscimo ou adição de mais, ao mesmo. Uma planta cresce, neste sentido, quando põe mais flores, mais galhos, ou folhas e galhos mais espessos. Registra uma forma de crescimento quantitativo em volume, e isto virtualmente implica num acréscimo de mais à mesma estrutura e conteúdo original de vida vegetal. Não há ir além da matriz básica de vida, que permanece a mesma, do princípio ao fim. Pode ser comparado a um crescimento horizontal de um organismo no contexto do simbolismo da cruz, onde a coordenada vertical denota a possibilidade de movimento para cima. A dimensão vertical revela a possibilidade de que toda a base horizontal do organismo é capaz de ser considerada em uma nova dimensão e ser guiada para um novo domínio. No caso da vida vegetal, e usando o simbolismo do crescimento das plantas, pode-se dizer que apenas quando a verde planta, que nutriu-se de esterco sujo, produz fruto, uma flor ou um botão, é que a vida da planta se desenvolve numa dimensão mais elevada.

Esse crescimento no mundo de além, ou numa dimensão mais elevada, é capaz de ser alcançado no nível humano por um esforço consciente para fazer certas escolhas que estão disponíveis para o homem. Essas escolhas, dentro da matriz de uma consciência religiosa, capacitam seus devotos a optar pelo caminho difícil, íngreme, ou mais elevada. Fazer essas escolhas leva a vida a seu caminho para o alto, para Deus. A resposta para as questões de como e por que essas escolhas devem ser feitas acham-se no coração da religião. Não é de espantar, portanto, que o Corão chame a si próprio por um outro nome, ainda que bem conhecido: *al-furqān* (literalmente, “o discernimento”), pela justa razão de que aqui a revelação é ajustada para o propósito dominante de mostrar a diferença entre bem e mal, de forma que as escolhas certas possam ser feitas. Trata também da morfologia da consciência em termos de qual dessas escolhas deve ser feita. Para cada escolha há uma ocasião apropriada, assim como para todo período, época ou fase da vida há um destino apropriado descrito tradicionalmente como *li-kulli ajalīn kitāb* (tudo que está determinado está escrito). Se essas escolhas não são feitas no momento apropriado como ordenado sob in-

junção do céu, o homem será posto na séria dificuldade de ter que apresentar um grande esforço para negociar o curso de seu futuro desenvolvimento – para não falar do sofrimento envolvido nas iminentes conseqüências resultantes de escolhas erradas. O Corão trata extensivamente desse aspecto da ação humana e enfatiza que, quando ocorrem lapsos, a misericórdia de Deus, que é o remissor de pecados e cuja graça não conhece limites, percebe o arrependimento do homem e perdoa seus pecados. Na verdade, a Misericórdia de Deus cerca tudo, incluindo o homem, e, contudo, o homem é convocado a realizar sua parte de implorar por perdão, o que literalmente significa realizar *tawbah*. Esse arrependimento ou *tawbah* consiste em esforçar-se por retornar ao ponto onde ocorreu o desvio em que a escolha errada foi feita e recomeçar todo o esforço de descobrir o caminho justo – o caminho que de fato o Corão denomina o “caminho reto” (*as-sirat al-mustaqīm*). O Corão refere-se caracteristicamente a dois caminhos que estão disponíveis para o homem escolher e acentua a conveniência de escolher o mais elevado, o mais difícil. Segundo o Corão:

Crê, acaso, que ninguém poderá com ele?

E ele diz: “Dissipei enormes riquezas.”

Crê que ninguém o viu?

Porventura não lhe demos dois olhos,

a língua e os dois lábios,

e lhe indicamos os dois caminhos (do bem e do mal)?

Mas ele não tentou a Ascensão.

Ah, o que te fará entender o que é a Ascensão?

É o resgate em libertar um cativo,

o dar de comer, nos dias de escassez,

a um parente órfão,

ou a um indigente necessitado,

o estar entre os que crêem, se aconselham na constância

e na piedade (XC, 5-17).

O Dilema Humano

O Corão demonstrou o dilema do homem, resultante de sua queda da graça, alegoricamente representada por ele ter sido expulso do estado paradisíaco em conseqüência de sua desobediência à Ordem Divina de não dirigir-se a “essa Árvore”. Segundo o Corão:

Ordenamos: "Adão: habita tu, com tua mulher, o Paraíso. Comei tranquilos de tudo quanto quiserdes, mas não vos aproximei dessa árvore, pois sereis considerados desobedientes." (II, 35)

O conflito interminável engendrado pela desobediência de Satã, ao não se curvar diante de Adão, e sua decisão malévola de desviar o homem, fazendo o mal parecer bem para o homem, foi afirmado no Corão em diversos lugares. O Corão afirma, por exemplo:

Recorda-te de quando dissemos aos anjos: "Caí prostrados perante Adão." Prostraram-se todos, menos Lúcifer, que disse: "Adorarei a quem criaste do barro?"

Acrescentou: "Que te parece? Se Tu me fazes esperar até ao Dia da Ressurreição, exterminarei quase toda a descendência deste a quem honras por cima de mim."

Deus respondeu: "Vai-te! Tu e os que de entre eles te sigam tereis o Inferno como recompensa. Recompensa completa!"

Tenta a quem possas com a tua voz! Vai contra eles com a tua cavalaria e com a tua infantaria! Associa-os a ti com as riquezas e com os filhos! Promete-lhes! O Demônio só lhes promete pura ficção.

Não terás poder sobre os meus servidores." O teu Senhor basta como protetor. (XVII, 61-65)

Nessa contenda entre o homem e Satã, que é seu inimigo confesso, o homem virtuoso não está só. Fica claro nos versículos citados acima que, embora Deus tenha permitido a Satã realizar sua tentativa de extraviar o homem, é Ele que em última instância tem poder supremo sobre Satã para ajudar o homem. Ele enviou profetas ao homem, que lhe trouxeram orientação. Logo, de fato, apenas os que não fazem caso da orientação de Deus ficam ao alcance, nas garras, da influência satânica. Mas os que vivem em total consciência da Presença suprema de Deus e de Sua lei onipresente estão protegidos dos projetos e maquinações satânicos. Os virtuosos estão amparados e, de fato, é dito no Corão que a terra é herdada pelos virtuosos. O mal, é claro, é apoiado por um "indutor furtivo", mas pode ser derrotado ao buscar-se refúgio junto ao Senhor. Satã foi descrito como o inimigo confesso do homem, e os profetas foram chamados admoestadores e guias, porque sua função histórica foi alertar o homem para as sérias consequências de sua desobediência às ordens de Deus. Eles tentaram levar o homem, apesar dos projetos de Satã, a fazer escolhas corretas, a fim de ser capaz de cumprir a lei e de ganhar a recompensa de uma vida mais elevada.

Do que foi dito até este ponto, fica evidente que o homem está aqui para submeter-se no altar da Presença Superior, e mesmo a Lei pela qual ocorre seu próprio desenvolvimento está de acordo precisamente com a Natureza Divina. É nessa mesma perspectiva que ele é chamado pelo Corão a buscar sua salvação:

Dirige a tua face para a religião, um homem de fé pura – a religião original de Deus, sobre a qual Ele originou a humanidade. Não há modificação na criação de Deus! Isto é a religião correta, mas a maioria dos homens o ignora. (XXX, 30)¹

Para o homem, todo o desenvolvimento espiritual significa seu esforço para crescer da forma em que, por sua própria natureza, foi convidado a crescer. Há outros versículos que mostram a maneira como a natureza curva-se diante de Deus:

Não viram que nem tudo o que Deus criou estende a sua sombra de ocidente ou de oriente, prostrando-se perante Deus, enquanto eles estão humilhados?

Perante Deus se prostrou tudo o que há nos Céus e na Terra, e os anjos; eles não se enchem de orgulho.

Temem por cima de si, o seu Senhor e fazem o que se lhes manda. (XVI, 48-50)

O Amor a Deus

O homem está aqui para servir a seu Senhor. Há muitos caminhos que o ensinamento religioso tradicional da humanidade recomenda para assegurar seu verdadeiro crescimento e para atingir níveis mais elevados de realização espiritual. Entre esses caminhos, o amor a Deus seria enfatizado pela tradição religiosa universal da humanidade como o melhor meio para a realização espiritual e o autodesenvolvimento.

Um dos nomes de Deus mencionado no Corão é *al-Wadūd*, ou seja, aquele que ama:

¹ Neste caso foi feita a tradução a partir da citação, em inglês, no original, a fim de possibilitar a comparação com outra versão, em seguida. Ver nota 2. (N. da T.)

Pedi perdão ao vosso Senhor; depois voltai-vos para Ele! O meu Senhor é misericordioso, amante. (XI, 90.)

Similarmente, o Corão acentua o mesmo fato:

Ele cria e devolve à vida.

Ele é o Indulgente, o Amabilíssimo. (LXXXV, 13-14)

Ou, em outro lugar:

No Dia da Ressureição chegarão a Ele isolados.

Porá o Clemente o Seu amor nos que hajam acreditado e praticado o bem. (XIX, 95-96)

A visão corânica de Deus é que Ele é indescritível e que não há nada como Ele e, além disso, que não interessa o que se diga a Seu respeito. Ele está completamente além disso. Portanto é difícil, inicialmente, entender como se poderia amar o que não se viu e não se pode imaginar. Pois todo amor pressupõe a imaginação ou visão do amado e a atração gerada por sua presença na sensibilidade humana. A visão corânica a respeito dos passos a tomar para demonstrar-se amor por Deus é, em primeiro lugar, obedecer incondicionalmente ao que o profeta diz, não apenas porque obediência ao Profeta é obediência a Deus, mas essencialmente porque, usando palavras do Corão (onde o profeta é compelido a dizer), "Se amais a Deus, segui-me: Deus vos amará e vos perdoará os pecados, pois Deus é indulgente" (III, 31). Há, em vários versículos do Corão, referências a Deus amar os que fazem o bem aos outros (II, 155; III, 133, 147). Além disso, Deus ama os que são pacientes (III, 145) e os *muttaqîn*, isto é, os que se controlam e não admitem que uma indução errada os faça abjurar o caminho prescrito por Deus para seguirem (III, 55; IX, 4). Deus ama também os que confiam n'Ele (III, 158) e os que são justos (V, 42). Todas essas referências mostram que na última revelação profética o amor é preeminente refletido por ações, que tomam a forma de obediência ao Senhor, conforme isto possa ser mostrado pela qualidade de maior virtude. Deve ser observado que o amor não é tratado aqui meramente como uma função do ato de fazer uma declaração de amor. O teste ao amor a Deus é obediência ao profeta e obediência ao que está prescrito na Palavra Divina. O Islã, portanto, consiste essencialmente em submissão consciente à Lei de Deus e ao que ordena seu Profeta. Há também no Corão ênfase no *dhikr Allâh* (relembração de Deus), rezando e sustentando outras atividades semelhantes, em que o

homem, participando na Divina Presença, cultiva dentro de si uma disposição para prestar serviço a Deus. Afinal de contas o Gênio e a Humanidade, como diz o Corão, foram criados apenas para servi-l'O.

Para Agradar a Deus

Todo o propósito desses ensinamentos no Corão é educar o homem em relação a como agradar a Deus. Pois é agradando a Ele que se assegura dentro de si um estado de repouso. É nesse estado (*an-nafs al-nutma' innah*) que o homem retorna ao Senhor, gratificado e grato:

O quê! Quando a Terra for pulverizada grão após grão,
e chegar o teu Senhor com os anjos, em fileiras e fileiras,
e o Inferno, nesse dia, for destacado, então o homem meditará; mas de que lhe servirá essa meditação?

Ele então dirá: "Melhor seria que tivesse feito boas obras durante a minha vida!"

Nesse dia, ninguém atormentará com tormento igual ao de Deus;
Ninguém acorrentará como Ele (o faz).

E tu, ó alma em paz,
volta para o teu Senhor, satisfeita e deleitada!
(LXXXIX, 21-28)

O que o homem faz nesta vida é, portanto, colhido por ele no que o Corão chama *âkhirah*, isto é, na fase da vida que virá ou o além-mundo. E, de acordo com o Corão, a vida no além-mundo é que é vida real, mas é uma realidade que também pode ser experimentada nesta vida. Todo o Corão está cheio de admoestações aos crentes para que cuidem seriamente desta vida, pois serão interrogados e suas contas serão contabilizadas rigorosa, mas imparcialmente. Este mundo não foi criado em vão. Há um propósito sério para o qual este universo e os homens foram criados. Se os homens pretendem prestar contas válidas sobre a forma como gastaram suas vidas, devem permitir que as ordens de Deus tornem-se as normas reguladoras de sua conduta, e devem aceitar os valores que foram acentuados no Corão como as normas decisivas para determinar a grande divisão entre bem e mal. É essa vida que

é espiritual, de acordo com o Corão, porque ela eventualmente leva à efetivação do estado mais elevado de existência de que o homem é capaz. Não é de espantar que tenha sido dito: “Por seus frutos os descobrirás”. E é o que os homens fazem conscientemente para servir ao Senhor que conta mais que qualquer outra coisa. Porque, efetivamente, o compromisso do muçulmano, de acordo com o Corão, é defender o avanço da Lei de Deus e a de Seu Profeta:

Na verdade, a minha oração, os meus ritos, o meu comportamento e a minha morte pertencem a Deus, senhor dos Mundos.

Ele não tem nenhum associado; assim me foi ordenado. Eu sou o primeiro dos submissos. (VI, 162)

Encontrando o Senhor

Em última análise, o fato mais importante da vida é o encontro do homem com o Senhor; se é assim, essa perspectiva de prestação de contas não o capacitaria a viver e agir de tal modo que sua vida refletisse as injunções decididas divinamente? Mas os que são desatentos quanto a esse encontro definitivo com o Senhor podem se permitir ser negligentes com a Ordem Divina.

Na verdade, o Corão refere-se a esse aspecto da vida sem cessar, indicando que os que desafiam a Lei Divina o fazem porque não acreditam que irão encontrar seu Autor. Toda a disciplina ordenada pelo Islã, seja a prece ritual, a esmola, o jejum ou a peregrinação, é basicamente uma forma de luta com o self inferior ou animal com que o homem é dotado pela natureza. Esse self é chamado *an-nafs al-ammārah*, um self que, de acordo com o Corão, o inclina para o mal. Mas a orientação que lhe foi trazida com base no conhecimento superior, com o qual os profetas são abençoados em razão de seu saber na alta estação de sabedoria a que foram chamados pelo destino, capacita o homem a atingir o estado de *an-nafs al-lawwāmāh*, o self questionador, um self que protesta cada vez que o self inferior o inclina para o mal. Pelas escolhas freqüentes que faz ao tomar o lado da libertação do *an-nafs al-lawwāmāh*, ele quebra a resistência dos impulsos animais dentro de si e assegura sua sublimação ao atingir um estado chamado *an-*

nafs al-mutma'innah, o self em repouso, em que a agitação e o trabalho cessaram (ver LXXXIX, 28). Ele entra assim num estado de existência do qual pouco pode ser expresso em meras palavras. De algumas declarações dos que são caminhantes na vereda de Deus, pode-se obter alguma idéia dos elevados níveis de excelência que atingiram.

O Corão e os Problemas da Vida

As reflexões anteriores sobre o Corão e a espiritualidade podem ser entendidas algo mais significativamente se examinarmos a distinção fundamental entre as respostas ao problema perene da vida, proporcionadas pelo método filosófico de investigação (como é geralmente entendido), acerca do homem e seu destino, e as respostas proporcionadas pelo método que se baseia na Palavra de Deus revelada, desde Adão até Muhammad, e, de fato, faz o Profeta de Deus afirmar que veio para comprovar e afirmar todas as revelações religiosas preexistentes, trazidas à humanidade por profetas anteriores. A diferença essencial, entre a visão da filosofia moderna sobre o homem e seu destino e a da religião, é que a visão filosófica baseia-se na razão na medida em que ela opera e elabora os dados fornecidos ao homem por seus sentidos e por sua sensibilidade. A religião, entretanto, convida o homem a entregar-se, mas não no altar da razão nem, novamente, no altar do que pode se chamar deveres naturais – muito menos no altar dos desejos do self animal. O Islã, que é uma “religião natural” num sentido mais fundamental que a “teologia natural” prevalecente no mundo moderno, confirma a validade da razão, mas sem submetê-la aos sentidos. Ao contrário, o Islã admite a competência da razão humana para compreender o significado da Palavra de Deus revelada. Declara que a razão humana é capaz de desenvolvimento, e que quanto mais é desenvolvida na tarefa de entender verdades religiosas, mais naturalmente aceitará os imperativos da religião. De fato, o Islã afirma que o homem deve ser educado para aderir às exigências cardinais de seu próprio modo de ser mental, suas aspirações espirituais. Não deve tomar uma posição contrária às demandas que sua natureza lhe faz. A natureza do homem foi modelada por Deus a partir da *fitrat Allāh*, isto é – se é permitida a expressão – a partir da “própria natureza de Deus”, e a revelação religiosa que o Corão chama *ad-dīn al-qayyim*, a religião correta, não pretende alterar essa natureza humana. O versículo corânico a seguir já foi reproduzido

da maneira que Arthur J. Arberry o traduziu; entretanto, como é um tanto intraduzível, vai aqui outra tentativa, a de Mohammed M. Pickhall, de articular essa grande verdade:

Dirige teu propósito, oh Muhammad, para a religião, como um homem por natureza virtuoso – a natureza (concebida) de Deus, na qual Ele criou o homem. Não há alteração (das leis) da Criação de Deus. Esta é a religião correta, mas a maioria dos homens o ignora. (XXX, 30)²

Toda religião que proclama ser verdadeira deve apresentar como uma marca indelével a reivindicação de que seus ensinamentos estão de acordo com a natureza humana. É verdade que os profetas da religião universal exigiram de seu povo fé em todos os ensinamentos que tinham trazido. O único engano na história da religião em relação a seus ensinamentos foi que pessoas irrefletidas acharam que essa exigência de ter fé acarretaria um imediato entendimento das injunções religiosas ou uma verificação instantânea e direta da verdade que os profetas tinham trazido. Não era essa, contudo, a exigência. Tudo que era solicitado era crença no que era revelado, a consciência de que a verdade da Palavra de Deus viria, se a crença fosse genuína e acompanhada de uma conduta virtuosa. Quando Adão foi criado, os anjos tinham dito que “porás nela (na Terra) quem espalhe corrupção e derrame o sangue”, ao que Deus replicou: “Eu sei o que vós não sabeis” (II, 30). O que Deus sabia era que, com uma fonte de conhecimento divinamente implantada na alma do homem (sugerido pelas palavras “insuflarei nele parte do Meu Espírito” (XV, 29), ele seria capaz de adquirir conhecimento para saber o valor da conduta justa e se absteria de ser desobediente aos comandos divinos. Deus ensinou a Adão o nome de todas as coisas e educou-o para nomear as coisas que os anjos não podiam nomear. Esse processo de adquirir conhecimento sobre a natureza das coisas investiu o homem de habilidade cognitiva para distinguir entre o certo e o errado. Capacitou o homem a conseguir conhecimento total de ambos os tipos, unitivo e analítico, além até mesmo do conhecimento dos anjos. Espiritualidade significa, de fato, atingir níveis superiores de existência, em que esse conhecimento é totalmente efetivado em conformidade com o destino do homem na terra. Na verdade, o fato de que o homem está aqui na terra para cumprir esse estado superior de exis-

tência foi sustentado pela Palavra de Deus. É o que o Corão chama de *dhālīka taqdīr al-‘azīz al-‘alīm* (o que é decretado pelo Todo-Poderoso, o Onisciente).

O que se denomina *tarīqah* ou caminho esotérico na tradição mística do Islã não se opõe à *sharī‘ah*, isto é, à Lei Divina, mas sua disciplina visa fazer a natureza humana aceitar aquela Lei como uma parte de sua própria exigência interior. Isso é possível porque Deus soprou Seu Espírito em Adão, como sugerem as palavras *nafakhtu fīhi min Rūhī* (soprei nele Meu espírito). Assim, os recursos interiores do homem, depois que ele mostra obediência ao ensinamento da religião universal, capacitam-no a ter acesso a níveis progressivamente mais altos de conhecimento enquanto o ajudam a ter uma visão sempre mais ampla. Quanto mais alto se vai numa montanha, mais longe se vê, diz Ghazzālī. Quando alguém se firma rigidamente no caminho reto, logo acontece que o que era aceito pela fé é descoberto como uma verdade que pode ser efetivada em princípio. Assim, o homem que testemunha o despertar de seus próprios recursos interiores testemunha também, dentro de si, por dádiva da consciência direta, o verdadeiro significado das verdades religiosas que antes tinha aceitado como premissas da fé. É esse processo que é capaz de assegurar o desenvolvimento espiritual do homem. A espiritualidade não tem outro significado e nenhum outro conteúdo, além desse elo que o homem tem com esse processo de efetivar a verdade da Palavra de Deus revelada. O processo de aceitar pela fé a verdade religiosa é um pré-requisito essencial para assegurar o despertar dos poderes interiores e recursos ocultos do homem, de forma a ser capaz de testemunhar as verdades superiores em termos de experiência.

Depois de o Corão ter vindo para a humanidade, a era de novas revelações terminou. O que começou foi a era de realização das antigas verdades recebidas através da última revelação, através do Corão, cuja forma exterior e significado interior, conteúdo e som, leis e “presença” são todos básicos para a espiritualidade islâmica e têm atuado através dos séculos como fonte fundamental de tudo que constitui a espiritualidade em sua forma muçulmana e do mundo criado e moldado pela revelação corânica.

² Mais uma vez, foi feita a tradução diretamente a partir do original, em inglês, tendo em vista a intenção do autor de comparar as duas versões. (N. da T.)